

UM PADRE FALA SOBRE...

A penetração neognóstica nos meios católicos, sistemática há cerca de vinte anos, tornou-se oficial há oito anos, quando as Edições *du Cèdre* publicaram a obra de Jean Borella, *A Caridade Profanada*.

A falta de formação levou muitos cristãos a ignorar esse novo perigo, ainda mais que a Igreja se encontrava no auge da crise neomodernista, e foram necessários muitos trabalhos e explicações para que os olhos da maioria finalmente se abrissem.

Entre as pessoas que enxergaram com clareza há muito tempo estão alguns padres, em primeiro lugar o senhor padre Coache, que expressou advertências reiteradas e desenvolvidas ao longo dos últimos cinco anos.

Para aqueles de nossos leitores que não tiveram conhecimento, reproduzimos a seguir os dois últimos textos: o primeiro publicado no *Combate da Fé* n.º 78, de março de 1987; o segundo, no n.º 79, de junho de 1987.

PERIGO

Já chamamos a atenção, várias vezes, para o perigo que representa a nova gnose do Professor Borella. Ora, seja pelo atrativo da novidade, seja pela tentação de querer fazer erudição dentro da Tradição, algumas revistas e padres se deixam pegar por esse veneno que pretende manter a fidelidade da doutrina; e, no entanto, é a ressurreição da mais velha heresia da História da Igreja, o gnosticismo: religião natural, deísmo, esoterismo, explicação da revelação pela natureza, etc. Fica-se estupefato que uma revista tão teológica como *O Pensamento Católico* (muito teológica? Ela engole todas as heresias de João Paulo II!) possa se tornar a tribuna de um escritor tão falacioso! E padres sérios se deixam enganar.

Aliás, o próprio estilo de Borella, feito de fumaça e espelhos, que beira o charabia por sua complexidade e caráter abstruso, mostra bem que ele está nas antípodas do verdadeiro pensamento teológico. Um Santo Tomás ou um São Francisco de Sales, na profundidade de seus tratados, escreviam com simplicidade; eis, ao contrário, um exemplo do estilo borelliano: "*Assim constituído, o ser adâmico não pode mais estar submetido às condições da adâmâh. Assim como o espírito de vida exigia, para ser recebido em sua substância corporal, que esta fosse quintessenciada, do mesmo modo, para viver, o Adão primordial exige um mundo, uma ambiência cósmica quintessenciada, que lhe seja submissa e da qual ele seja o rei. A relação de vida com a substância 'poeirenta' (haphar) de que é feito seu corpo se prolonga analogicamente na relação de Adão, alma vivente, com o paraíso que Deus plantou para ele no Oriente, traçando um 'recinto' (gan) no conjunto do plano humano de existência. Esse paraíso é, portanto, para ele, de certa maneira, como seu corpo cósmico, ou melhor, como uma irradiação luminosa de seu próprio corpo. É esse recinto paradisíaco, essa quintessência do cosmos humano, que o primeiro homem deve*

cultivar e guardar, como Deus lhe ordenou, e não diretamente a adâmâh."

... Estilo bombástico, incompreensível e pedante! Seria risível se não se escondesse sob essa verborragia o veneno de uma religião pagã – bem camuflada – que solapa os fundamentos da Revelação. Já denunciemos isso; tocamos o alarme (*Combate da Fé* n.º 76, 74, 67, 65, 63, 62), mas os melhores não querem levar em conta!

Assim, em 1969, denunciando a Nova Missa, afirmei que ela desagradava a Deus, leva ao Modernismo e que é melhor faltar à Missa do que ir a um rito pró-protestante; vários grandes defensores da Tradição (e não dos menores!) me asseguraram então que era melhor ir à Nova Missa do que faltar no domingo; alguns anos depois, eles aderiram à posição do *Combate da Fé* ("Falo como insensato", diria São Paulo!).

Ora, eis que um jornalista do *Presente* Daoudal dedica meia página (em 14 de fevereiro passado) ao louvor de Borella, sobre um de seus últimos livros: "*um livro de uma densidade extraordinária... uma reflexão cuja riqueza é tal que...*"; é realmente cair em êxtase por vento, inchaço, termos novos que impressionam: "*o triforme Corpo de Cristo*", Jesus "*crucificado na cruz da finitude*", etc. Se Molière estivesse presente! Na realidade, esse novo livro, a ler os comentários de Daoudal, empanurra-se de palavras e ferveilha de distinções inadequadas que parecem retomar toda a teologia pelo fundamento, quando, na verdade, elas embaralham as definições e classificações da teologia tradicional, que já provou seu valor. Isso me faz pensar no Centro Pompidou, em Beaubourg, com todos os seus canos e cores agressivas: palavras, confusões nas distinções, relações que não se baseiam em nada real, uma mistura perpétua de realidades sobrenaturais que "dá vertigem" ao jornalista, mas contribui sobretudo para "impressionar" o leitor; não seria nada se, subjacente, não transparecesse a heresia de um racionalismo místico que mina o sobrenatural; assim, a definição que Borella dá do ato de fé! Não, isso não é "teologia do mais alto nível"; é uma massa que incha com um fermento envenenado.

Não esqueçamos que, para Borella, existe um Absoluto acima de Deus! Quanto ao "sentido do sobrenatural até a deificação", de que fala seu novo livro, São João, São Paulo, os Padres e todos os bons teólogos já o proclamaram, mas de maneira toda simples e clara (sem elidir o mistério por isso). Digo e repito que as elucubrações e a gnose de Borella constituem um grande perigo; essa linguagem abstrusa e esotérica ressuscita, sob uma forma moderna, os erros da gnose e do hermetismo; ela se aparenta ao panteísmo difuso de Teilhard; ela sujeita a Revelação à ciência; essa gnose é gnosticismo, apesar das protestações contrárias do autor. Além disso, Borella, em seus momentos, critica a Igreja, sua expansão nos séculos XIX e XX e... o pouco espaço que ela deu ao homem! Ele me escrevera, em 1982, que era necessário "*responder às questões que os Modernistas colocavam, pois essas questões se colocam*" (grifo dele!). É bem claro que sua simpatia vai para a filosofia modernista, quando ele fala, por exemplo, da "salvação cósmica" ou escreve: "não há nada antes do começo, nem mesmo Deus"!

Sou um dos únicos a denunciar esse grande perigo, perigo sobretudo para os jovens padres, que poderiam ser facilmente seduzidos pela pseudo-profundidade dessa teologia e correr o risco de ser contaminados. Quando a restauração da Igreja estiver cumprida, que uma nova heresia, partindo do seio da "Tradição", não venha estragá-la!

Muitos padres influentes veem, sabem e... calam-se! Paciência, terei cumprido meu dever. Mais tarde será tarde demais.

Padre Louis Coache *Combate da Fé* n.º 78, março de 1987

UMA NOVA HERESIA, DISFARÇADA

Fizemos no número 78 um artigo sobre o perigo da doutrina difundida pelo Senhor Borella. O mais espantoso é que jornais e revistas muito tradicionalistas ou responsáveis inteligentes e cheios de fé evitam denunciar esse erro. Do que têm medo?

E, no entanto, esse erro é grave porque é insidioso como o Modernismo. "Mas o Professor Borella comunga muito frequentemente!" - Talvez; Voltaire também comungava. "Como ousa comparar o Senhor Borella a Voltaire?" - No foro interno, sem dúvida não há comparação possível, pois o Senhor Borella é, suponho, sincero; mas no foro externo, isto é, no plano público e do bem comum, sua heresia é talvez mais perigosa do que o ódio à religião; o neognosticismo, de fato, como o Modernismo, mina a doutrina sob o pretexto de aprofundamento e engana os leitores; vejam os malefícios do Modernismo, toda a Igreja sucumbiu! Se a doutrina de Borella se espalhasse e triunfasse, seria toda a Igreja ainda fiel à Tradição que sucumbiria. Eles pretendem querer conservar os verdadeiros valores, mas os desnaturam ao impregná-los de uma religião pagã baseada no conhecimento humano e de toda uma filosofia com resquícios maçônicos e teilhardianos (ser supremo, hiperteos, centro cósmico, etc...). Para eles, o Deus da Bíblia - com toda a Revelação - se insere num contexto de cosmogonia antiga. Deus organizou à sua maneira a matéria pré-existente, uma maneira nem sempre feliz (dualidade do bem e do mal)...

Àqueles que se recusam a se interessar pela questão e levam na brincadeira a prosa esotérica de Borella, ou se sentem de alguma forma seduzidos, eu pergunto: "Vocês são católicos, prezam a Tradição e, portanto, a fé integral, sem compromisso. Então:

- admitem uma teologia que se reivindica de René Guénon, pensador profundamente ligado à maçonaria, seduzido pelas religiões orientais e finalmente convertido à religião muçulmana, morto na apostasia?
- aceitam uma convergência do catolicismo com a "maçonaria regular", isto é, espiritualista? (O Senhor Borella não é maçom, mas o gnosticismo é favorecido pela maçonaria).
- admitem uma doutrina de tendência racionalista, panteísta, que erige a ciência ou o conhecimento como dado supremo, ao qual a Revelação deve se submeter?
- acreditam que se possa impunemente, à maneira dos modernistas, substituir as expressões teológicas tradicionais por expressões teilhardianas ou de sabor esotérico (Cristo "centro supremo", "centro cósmico", o Espírito Santo "verdadeiro alquimista", a "inteligência mineral" da natureza, a "caridade cósmica", etc...)?
- sua fé católica é compatível com a aceitação de erros como estes: "não há nada antes do começo, nem mesmo Deus", "o mundo sempre existiu"?
- podem aceitar que a Igreja, em vez de ser considerada o instrumento infalível e necessário do Reino de Cristo e da nossa salvação, seja tida como um simples meio de

transmissão da fé, útil certamente, mas falível e submetida à inteligência humana?... que a expansão da Igreja nos últimos séculos seja considerada superficial, a censura do Santo Ofício qualificada de "terrorista", que o apego à Tradição seja denegrido como uma reação infeliz "desde a Revolução Francesa"?

- a triste experiência do Modernismo - que cometem - permite-lhes suportar expressões chocantes ou equívocas como estas: "Cristo andrógino celeste", "corpo triforme de Cristo", "crucificação alquímica", "hiperteos", "tearquia superessencial"...?
- sua fé tradicional, justamente em alerta contra o liberalismo dos modernistas, pode aceitar as seguintes afirmações, sustentadas por todo o contexto dos escritos do Senhor Borella, mas condenadas por Pio IX: "*Os princípios e métodos dos antigos doutores escolásticos já não convêm às necessidades do nosso tempo*" ou "*o Pontífice romano deve reconciliar-se com o progresso*"?

Se responderem sim a alguma dessas perguntas, são homens dúbios, que defendem a Tradição publicamente, mas cujo coração já escorregou para a heresia; enganam, portanto, seus leitores, pois cedo ou tarde se revelarão; são cúmplices de uma nova heresia que assumirá o lugar do Modernismo; são infiéis ao Cristo que pretendem servir.

L. C.

P.S.: Leia "*De la gnose à l'oecuménisme*" de Étienne Couvert, Edições de Chiré.

Combate da Fé nº 79, junho de 1987

Revision #2

Created 5 September 2026 17:00:46 by Admin

Updated 5 September 2026 17:15:36 by Admin